

Fundamentos teológicos feministas para a reprodução responsável

MARY E. HUNT

Introdução

Para mim, é um privilégio estar aqui com vocês neste importante seminário sobre Teologia e Direitos Reprodutivos. É um prazer trabalhar junto a tantas mulheres de quem tenho aprendido muito, principalmente Ivone Gebara e Rose Marie Muraro. Trago-lhes saudações da WATER (Aliança de Mulheres para a Teologia, Ética e Ritual), onde trabalho, bem como de Catholics for Free Choice (Católicas pelo Direito de Decidir) dos Estados Unidos.

Estou muito consciente de minha posição como mulher norte-americana, convidada a um seminário que tem como ênfase as necessidades e realidades da mulher latino-americana. Por isto, ofereço minha apresentação com uma certeza, que, dentro de meu próprio contexto, não sentia uma vacilação nascida do meu conhecimento de nossas diferentes realidades. Ofereço-a dentro de um espírito de irmandade: vim para a Argentina durante vários anos e tenho um compromisso permanente com grupos e mulheres de lá, do Chile e do Uruguai, através do projeto "Mulheres atravessando o Mundo", da WATER.

É a partir do cerne dessa dedicação contínua na obtenção do poder por parte da mulher, em nível global, que faço meus comentários, esperando que desta discussão surjam novos e ricos fundamentos para a ética teológica latino-americana.

I. Temática

Este texto trata do tema "Fundamentos Teológicos Feministas para a Reprodução Responsá-

vel". Falo como uma feminista norte-americana, branca, católica, dentro da tradição evolutiva da teologia feminista da libertação. Sou parte do crescente movimento chamado "mulheres - igreja", uma posição teo-política que não está relacionada estruturalmente à igreja institucional, mas conectada a uma rede maior de "amigos em busca de justiça", que se reúne no sacramento e na solidariedade.

Minha teologia encontra suas raízes na tradição católica e por ser feminista está, necessariamente e sem desculpas, situada fora do âmbito da igreja institucional. Explico isto não para desresponsabilizar as igrejas de suas obrigações, mas para ser honesta a respeito de onde venho e aonde vou teologicamente. Provenho do núcleo da tradição, trazendo-a no coração rumo a novas fronteiras, onde o bem-estar das mulheres seja levado a sério já que sua sobrevivência está em perigo.

Enfoco esta análise em quatro momentos:

1. A importância de propor a questão de uma maneira que reflita as necessidades daquelas que são mais afetadas pelas respostas;
2. Como fazer teologia com conexões profundas nesta direção e entre mulheres, trocando-se as regras e o resultado;
3. Imaginar uma reprodução responsável a partir de uma perspectiva teológica feminista;
4. Elementos de uma posição pró-eleição.

II. Colocando a questão

Quando se trata teologicamente com o tema de Direitos Reprodutivos, o primeiro problema que devemos enfrentar é o de como formular as perguntas que enfocam a questão. Na teologia patriarcal prevalecem certas opiniões que quase garantem que o conjunto equivocado de perguntas será discutido equivocadamente. Por exemplo, o enfoque mais comum recai sobre o ato de abortar, deve-se ou não abortar, qual é o valor da vida do feto, se o aborto é homicídio ou não, se as mulheres que abortam ou aqueles que as ajudam estão cometendo pecados graves. De fato, estas

questões carecem de importância, pois suas respostas estão muito longe dos assuntos básicos e gerais de qualquer discussão.

Por que estas perguntas e não outras estão à frente do debate? Não é nenhum segredo que a mulher, particularmente a latino-americana, tem sido excluída dos círculos teológicos durante décadas. De fato, é somente agora que um grupo amplo de mulheres de todo o mundo, inclusive nos Estados Unidos, está envolvido numa reflexão teológica sobre estes assuntos.

E este momento é ainda mais importante, pois espero como resultado desta consulta que milhões de outras mulheres sejam convidadas a participar da conversa.

Enquanto a teologia esteve no domínio dos homens, comumente clérigos, todos bem educados, freqüentemente de classe alta e nunca grávidos, os temas sobre o bem-estar da mulher e da nossa capacidade como mulheres para decidir sobre nosso próprio bem-estar nunca foram tocados. Nós, como mulheres teólogas e éticistas, cometeremos o mesmo erro se não desenvolvermos nossa tarefa com mulheres que não são profissionais na área, com as mulheres marginalizadas. A sabedoria delas, junto a nossa, nos ajudará a enfocar os temas mais importantes. Trabalhamos com elas, não em seu nome; trabalhamos porque somos elas e porque elas são nossas irmãs.

As várias teologias da libertação, especialmente a teologia da América Latina, têm sido úteis ao indicar a opressão como o ponto de partida para a reflexão teo-ética. Como feminista insisto que não é simplesmente qualquer tipo de opressão que serve como fundamento para a reflexão teológica. Sabemos, como mulheres, qual é o tipo de opressão que nos produz lágrimas: uma criança morrendo por desnutrição; uma mulher com vírus HIV positivo decidindo se continua ou não sua gravidez; uma adolescente que ainda é uma menina, esperando um filho; um homem vendo sua companheira morrer durante o parto; um casal heterossexual enfrentando sua infertilidade. Muitas outras situações surgem dentro da gama

da reprodução responsável, na qual a teologia da igreja institucional, especialmente a católica, tem sido inadequada na maioria dos casos e, pior, uma parte ativa do problema.

Tenho confiado no que chamo “a prática da teologia com lágrimas nos olhos”, passando da noção geral de opressão à muito particular reação fisiológica de chorar lágrimas de dor, de impotência, de desespero, de desejo de fazer o melhor no que se refere à gravidez, ao aborto... Isto não é a substância de categorias filosóficas abstratas. Não resulta em doutrinas que proíbem a contracepção efetiva, o aborto quando necessário, e que inclusive considera a masturbação como pecado. Desta forma, é difícil levar a sério um sistema teológico que proíbe o uso de preservativos durante uma epidemia de AIDS e que está tão pouco informado sobre questões da sexualidade contemporânea, que não reconhece a realidade homossexual e bissexual. Enquanto busco indicações e luzes na tradição, mais freqüentemente tenho vergonha em evidenciá-la. Então surge a necessidade de buscar pontos de referência adequados através de nossas experiências.

Lágrimas de dor são um bom ponto de partida porque assinalam nossa humanidade comum. São, paradoxalmente, o que nos une. O primeiro ato deste tipo de teologia é então reconhecer e acompanhar um ao outro em nossas lágrimas. O próximo ato é secar essas lágrimas e trabalhar para evitar sua volta. Enfim, descobrimos suas causas e as eliminamos. Teremos então algo de terra firme onde paramos para apreciar o significado e o valor, praticar teologia, indicar a ação do divino e a essência da cooperação humana no processo de viver uma relação correta. É neste processo ativo de atenção de um pelo outro, em meio da dor, da troca social concreta da reflexão do significado e valor que temos às mãos, que fazemos teologia sob um enfoque feminista.

A metáfora das lágrimas é útil porque tem como raiz a noção de que somos responsáveis por nós mesmas, por nossas comunidades. Partindo de um perspectiva cristã, somos também res-

ponsáveis por uma visão do bem comum, fundado no amor e na justiça, algo que atue como uma força motivadora para a troca social e como uma rubrica unificadora para a ação contínua por aqueles/as que sofrem.

Neste processo é chegado o momento de confiar na mulher. Nós somos especialistas em lágrimas. As mulheres são agentes morais e religiosos capazes de tomar decisões boas. Certamente, as mulheres poderão e tomarão decisões com as quais não estou de acordo, inclusive algumas que francamente considero moralmente errôneas. Porém, a prova da reprodução responsável por parte da mulher está na longa história da humanidade, onde, “de geração em geração”, como o Magnificat (Evangelho de Lucas 1) a descreve, a mulher tem feito boas coisas.

Confiar na mulher, e começar com lágrimas, é uma boa maneira de alcançar as questões mais importantes e efetivamente interrogar a partir do ponto de vista da mulher, e não através de igrejas patriarcais que não compartilham estes pressupostos. Nos Estados Unidos, temos um programa de televisão (“Jeopardy”) em que a resposta é dada dentro de uma categoria e os participantes devem adivinhar qual é a pergunta correta. Esta é a dinâmica corrente da teologia católica; a resposta é “Não” para qualquer pergunta que trate da saúde reprodutiva. Meu ponto de vista é que, habitualmente, não é apenas a resposta que está equivocada, mas, sobretudo, os tipos de perguntas são inadequados. A reprodução responsável não é tão significativa como um programa de televisão, devendo, portanto se utilizar uma metodologia mais sofisticada para alcançar as respostas.

As perguntas ao nosso alcance não são simplesmente as que mencionei, se bem que nunca me omitiria de oferecer respostas, dependendo do contexto e da mulher envolvida. De maneira mais clara, as perguntas que estão em jogo começam com fundamentos, e seu enfoque não está sobre os direitos, senão nas suposições de responsabilidade; não na escolha, dado que quase sempre está ausente, senão na necessidade; não somente

sobre os indivíduos, mas sobre as comunidades:

– Qual é a situação econômica e política dentro da qual estas mulheres exercem sua reprodução responsável?

– Quais são as restrições eclesiásticas que determinam suas opções?

– Como impedir a gama completa de escolhas com estruturas de raça e de classe social?

– Quais são os modelos de família e comunidade que estão prementes e que são sonhados em sua sociedade?

– Qual é a imagem de crença no divino que fundamenta sua concepção de responsabilidade?

– Qual é a natureza de suas alianças e/ou das situações comunais dentro da qual receberão novas crianças?

– Como podemos melhorar as condições materiais em nossas sociedades para que queiramos receber novas vidas?

Estas são perguntas teológicas que estão frequentemente escondidas no patriarcalismo. Este tipo de perguntas e dezenas mais que poderíamos enumerar estão baseadas em várias suposições:

– Que decisões morais são tomadas em contextos multifacetados;

– Que as decisões individuais não podem ser nunca analisadas sem ter em conta considerações sociais;

– Que mulheres se comportarão de acordo às suas necessidades de sobrevivência e às necessidades de sobrevivência de seus filhos dependentes e que tal motivação é suficiente para se tomar uma decisão moral;

– Que cada mulher é um agente moral capaz de decidir por si mesma, com ajuda, como exercerá seu papel reprodutivo;

– Que as comunidades de pessoas, tais como companheiros, médicos, membros da família e outros, inclusive profissionais religiosos, se convidados, participarão da reprodução responsável, porém nunca tendo precedência sobre o poder da mulher em tomar as decisões.

Obviamente, faz-se necessário discutir sobre estas suposições, porém se pode dizer com segu-

rança que as suposições que afirmam a teologia patriarcal, com suas leis e costumes, são bastante diferentes. Não recomendo que se tenha a intenção de extrair estas suposições de um sistema arraigado em uma igreja na qual a mulher e seu bem-estar não lhes está despertando uma categoria primária. Honestamente, é difícil encontrar estas suposições especificamente favoráveis para a mulher em um sistema patriarcal, e talvez seja demais esperar encontrá-las ali. Apesar disso, as tradições crescem, e este é um sinal do crescimento do cristianismo. Então é suficiente dizer que tais suposições surgem de um enfoque feminista para o cristianismo.

A alternativa é dizer que o bem-estar da mulher e o cristianismo são incompatíveis, uma suspeita que às vezes sinto, porém na qual não vou insistir, tendo em conta os propósitos de nossa discussão. Melhor: reportar-me-ei ao tema, criando uma teologia como se a mulher fosse central; centrando-nos em como as regras do jogo mudariam e como os resultados seriam diferentes, na esperança de que esta seja a direção que o cristianismo tomará nos próximos dois milênios.

III. Teologia unida à mulher

Nos últimos trinta anos, mulheres em todo mundo têm dado passos sem precedentes na teologia. Entretanto, percebe-se que estes avanços têm ocorrido há muito mais tempo e com resultados mais firmes nos Estados Unidos e Europa Ocidental; sendo que em minha opinião, estas análises baseiam-se em pontos de vista masculinos. De fato, a discussão entre mulheres na América Latina não necessariamente tem ocorrido nos corredores universitários, nem nas reuniões de bispos, mas há muito mais tempo. Grupos religiosos indígenas, filhas e mães ajudando-se mutuamente para manter suas famílias em pé, vizinho perguntando-se em voz alta se outro filho deverá morrer antes que o governo faça algo sobre a falta de água potável, estão perguntando e respondendo questões teológicas, viáveis para “aqueles que têm olhos para ver”. O desafio está

em trazer esta discussão para o centro da opinião pública, chamando verdadeiramente a atenção dos liberacionistas que ignoram seu perigo, e assim, poder moldar a sociedade.

A teologia católica sobre assuntos sexuais, em geral, e temas reprodutivos, em particular, tem sido baseada em três pressupostos centradas no masculino.

– O homem (traduza-se: macho) foi criado à imagem de Deus, que por suposição é macho. Portanto, a mulher é subordinada;

– A sexualidade é um estímulo básico conectado à natureza. Assim como o homem é espírito, a mulher é natureza. Portanto, culpa-se a mulher por tudo que seja sexual;

– A igreja, na pessoa dos oficiais eclesiásticos, e por definição totalmente masculina, é guardiã de toda moral. Portanto, a igreja ensina e rege as regras da moralidade, especialmente a sexual.

Eu suponho que estas noções antiquadas ainda prevaleçam nas igrejas católicas do ocidente. Estes pressupostos não examinados têm sido levados, mesmo que inconscientemente, à sociedade sem que tenham um sentido religioso. O que uma teologia ligada à mulher, que nos Estados Unidos chamamos de teologias feministas e mulheristas, faz, é olhar cuidadosamente e criticamente a experiência da mulher, precisamente porque tem sido deixada de lado. Presumimos, através de uma suspeita feminista crítica, que a teologia patriarcal não foi construída tendo as mulheres em mente, e os três pontos que mencionei são prova mais que adequada desse fato. A teologia ligada à mulher é uma necessária correção à teologia baseada no homem. O objetivo não é levar a balança do outro lado, mas equilibrar e expandir o centro.

Ofereço três pressupostos ligados à mulher para ilustrar o que quero dizer:

– Toda a criação, inclusive dos seres humanos é o resultado do que os cientistas chamam “a grande explosão”, e ao que as pessoas religiosas chamam de Deus. Portanto, toda a criação – mulheres e homens – é parte de uma entidade pela

qual os seres humanos têm uma responsabilidade única, de acordo com nossas habilidades, porém, da qual não são donos, nem devem uma responsabilidade integral;

– A sexualidade é uma parte boa e bela da ordem criada e pode ser exercida de diversas formas. É uma maneira na qual os seres humanos expressam e aprofundam seu carinho mútuo; é um recurso de prazer e de relaxamento; uma maneira de cumprir a reprodução;

– Indivíduos e sociedades querem e necessitam de leis comuns de conduta para poderem viver em harmonia entre si e com o resto da criação. Estas leis mudam de acordo com as circunstâncias. Por exemplo, agora buscamos regras básicas para o “sexo seguro” durante a epidemia de AIDS, e para a reprodução responsável, dados os assuntos ecológicos e a disponibilidade de meios econômicos de contracepção.

Infelizmente não há muitas instituições de confiança atuando como guias morais para a imprensa, que não é exemplar, já que faz uso do corpo da mulher com a finalidade de vender produtos; os governos são suspeitos, porque suas preocupações são limitadas e influenciadas por considerações políticas e econômicas. As igrejas, dada sua história antimulher e suas freqüentes orientações pelos interesses da classe alta, não são muito mais confiáveis. Tudo isto demonstra a necessidade de que a mulher se comprometa numa reflexão teológica, que vá além das igrejas para poder encontrar as lágrimas e, no processo de secá-las, escutar as outras mulheres para entender as pautas e vislumbrar o que é necessário fazer. Esta é nossa tarefa, para a qual dirijo-me num terceiro momento: o trabalho imaginativo de dizer que aspecto teria a reprodução responsável a partir da perspectiva teológica feminista.

IV. Apenas imaginem a reprodução responsável

Chamo esta tarefa de imaginativa porque nenhuma de nós jamais viveu numa cultura em que o bem-estar da mulher tenha sido levado a sério,

em que as mulheres tenham sido agentes religiosos e morais, e em que a reprodução responsável tenha sido praticada segundo o que a mulher vê como importante. Infelizmente, e em especial aquelas de nós que fomos educadas em instituições patriarcais, respondemos muito melhor aos argumentos lineares e analíticos do que a novas maneiras de pensar.

Proponho que nos empenhemos em imaginar um mundo – ainda que nos limitemos a pensar num bairro no qual as pessoas falem livremente e com esperanças para o futuro. Tanto homens como mulheres participariam da discussão, fazendo planos em conjunto acerca de como futuras gerações, mantendo o respeito pelo processo, se comprometeriam em fazer planos sobre como dar-lhe boas-vindas e nutrir àquelas crianças, fazendo planos para cuidar de suas diversas necessidades e pensando em como eles cuidarão de nós algum dia.

Ao mesmo tempo, estas pessoas atentas regularizariam suas sociedades para que aquelas que engravidaram e tiveram filhos não fossem certamente aquelas que tivessem a responsabilidade primária por seu cuidado depois do nascimento, havendo cumprido com o difícil trabalho da gravidez e do parto. Por conseguinte, seria sensato que aquelas que engravidassem o fizessem de acordo com suas próprias linhas temporais e tão freqüentemente (ou escassamente) como elas escolhessem, já que seriam suas vidas e saúde que estariam mais afetadas. Todos os recursos financeiros, médicos e materiais estariam à sua disposição para que pudessem levar a cabo esta intenção comunitária. Seria celebrada, então, com música, dança, comida e amigos.

Esta visão, decididamente utópica e que não é vivida em nenhum país que conhecemos, contém pautas para a reprodução responsável. Primeiro, é uma tarefa comunitária que requer planejamento e participação de todos. Segundo, é uma tarefa que está acontecendo em sua forma mais imediata, nas mulheres que, por este feito, têm a prioridade moral de decidir acerca de sua medida temporal e

de sua frequência. Terceiro, é uma confiança sagrada, já que é uma parte da ordem criada, verdadeira prova de que a cooperação humana-divina é necessária e funciona. Quarto, requer da sociedade um compromisso sério de dinheiro, tempo e apoio social, na medida em que é, afinal, para benefício de todos e merece ser festejado.

Creio que jamais tenhamos obtido algo assim na maioria de nossos países, pois temos privatizado o ter filhos como se fosse dever de cada mulher, e ao mesmo tempo porque descuidamos em outorgar às mulheres a condição de serem agentes morais, que possam e façam boas escolhas. Esta combinação mortal de erros tem resultado, ao meu ver, nas desastrosas políticas anti-mulher e anti-criança da maioria dos países.

De um modo geral, vimos somente um lado ou outro desta moeda feia. Por exemplo, nos Estados Unidos, os esforços da direita para derrotar a decisão da Corte Suprema que legalizou o aborto pareceriam, à primeira vista, ser anti-mulher e anti-criança. De fato, estudos demonstraram que os legisladores dessa mesma ideologia política votam consistentemente contra políticas que poderiam ajudar às crianças pobres. Acredito que vocês poderiam demonstrar casos similares em seus países, levando-me a pensar que raramente se rompem os tumores antimulheres e anticrianças.

Dada esta situação, nossa tarefa é ir mais além da nossa imaginação em direção a estratégias teopolíticas concretas. Quero oferecer uma posição católica feminista pró-escolha, o que, a meu ver, surge desta análise. Enfocarei especialmente sobre o aborto, porque esta escolha, entre todas as opções reprodutivas responsáveis, é uma daquelas pelas quais comumente se responsabiliza a mulher. Isto é, em si mesmo, suspeito, já que uma mulher com vários filhos e um aborto é desonrada, como se de alguma forma o aborto, quaisquer que sejam suas circunstâncias particulares, não fosse parte da reprodução responsável. Em consequência do que digo sobre responsabilidade comunitária, o protagonismo moral da

mulher, a confiança sagrada da reprodução e a necessidade de recursos sociais, que o aborto, jamais visto como um conceito agradável é, às vezes, uma necessidade.

V. Elementos de uma posição católica

Pró-Escolha, esta tarefa imaginária se torna uma escolha real e responsável num contexto sombrio, onde muitas mulheres não têm os recursos pessoais, nem o apoio social para o ideal que descrevi.

Ao contrário, muitas mulheres – especialmente mulheres jovens, pobres, de comunidade de minorias raciais e étnicas, muitas mulheres rurais e certamente até mulheres de classe média e alta, cujo método anticonceptivo não funciona ou cujo feto é deformado – escolhem, por uma série de razões, terminar suas gestações.

Esta não é uma realidade que mudará rapidamente, até mesmo porque de fato, a natureza causa abortos espontâneos em cerca de 25% das grávidas.

A partir da perspectiva ligada à mulher, a questão teológica seria a de como minimizar a coerção social, para que as mulheres, que abortam somente por razões econômicas, tenham opções e, de outro lado, como podemos valorizar cada mulher grávida que está comprometida numa atividade sagrada e confiar que ela fará sua decisão acertadamente. Este é um conjunto de perguntas que não deve ser confundido com políticas controlistas, que incitam a que as mulheres pobres não tenham filhos, ou que impõem programas de controle da natalidade ou sua utilização contra a vontade delas. Tampouco deve ser confundido com a discussão feto versus mãe, que é tão popular, confrontando o bem-estar da mulher com o de seu filho em potencial. Melhor que isto, minha posição feminista pró-escolha acerca do aborto implica nos cinco elementos seguintes:

- O aborto é sempre lamentável – já que a vida é parte da criação;
- O aborto é, às vezes, necessário – seja para a saúde da mulher envolvida ou para prevenir o nascimento de uma criança seriamente deforma-

da, e/ou devido a circunstâncias sócio-econômicas que impedem esta gravidez. Porém, as circunstâncias são menos importantes do que o fato de que as decisões finais, feitas com consultas apropriadas, caem diante da mulher grávida, que é a mais afetada;

– O aborto precoce é essencial, já que é menos complicado médica e psicologicamente, e porque a vida humana é evolutiva tanto como é qualitativa. Mais avançada a gravidez, maior a carga contra o aborto;

– A vida do feto, ainda num aborto precoce, não é moralmente insignificante: é vida humana, cuja condição moral aumenta com o passar do tempo, numa relação crescente com a mulher grávida diante de sua eventual personificação e que, portanto, não pode ser tratado de forma desdenhosa;

– O protagonismo moral da mulher faz parte do bem comum que permanece constante quaisquer que sejam as circunstâncias. Isto ajuda a apoiar uma posição católica pró-escolha na tradição da responsabilidade comunitária, somando à tradição a importante percepção de que a mulher, especialmente a grávida, é responsável e confiável para tomar suas decisões.

Articulando esta posição, a resposta refletida é defendê-la contra aqueles que sustentam que:

– Não é católica, pois é pró-escolha;

– Não é feminista, porque inclui uma preocupação pela vida do feto;

– Não é teológica, pois reconhece fatores sócio-econômicos e médicos que têm um impacto sobre a escolha reprodutiva.

Há muito que se discutir todos esses aspectos, porém prefiro concluir com sugestões práticas e pastorais acerca de como se pode viver uma posição pró-escolha.

Conclusão

A necessidade urgente, base de nossa discussão, é o fato de que as mulheres estão morrendo por abortos assépticos, em países onde o acesso a procedimentos seguros e higiênicos é ilegal e/ou proibido economicamente. Mais ainda, vive-

mos num tempo onde os anticonceptivos efetivos e contra-gestantes, como RU 486, existem, porém não são distribuídos amplamente às mulheres que necessitam, devido a considerações políticas e econômicas. Para mim, isto significa que a primeira resposta feminista pastoral ao aborto é tornar disponível a educação sexual, a contracepção e o aborto para todas as mulheres, especialmente para as adolescentes, a fim de que possa haver escolhas verdadeiras. Em sua ausência, não há realmente uma escolha.

A segunda resposta pastoral – e a chamo pastoral porque surge de uma preocupação comum e de um compromisso religioso com o bem-estar da mulher – é nos comprometermos com a reforma legislativa e social em cada um de nossos países, o que melhoraria as condições materiais para as boas-vindas frente à próxima geração. Esta é uma das partes mais difíceis de nosso trabalho, porém deve ser vista como integrada à tarefa feminista teológica, porque muito da oposição em nossas sociedades tem como base a teologia.

Uma terceira resposta pastoral tem um caráter mais religioso, de escutar a mulher, convidar à discussão sem respostas pré-concebidas; assim as mulheres poderão tomar decisões informadas e fiéis sobre a gravidez. Parte do esforço que a WATER tem promovido é de desenvolver liturgias e rituais para mulheres que estão fazendo escolhas reprodutivas, levando a sério a importância de tais assuntos e compreendendo que, frequentemente, é na reprodução que nós mulheres aprendemos que somos responsáveis.

Finalmente, é importante que, sendo um assunto pastoral e uma questão do bem-estar da mulher, insistamos que uma pode ser católica e pró-escolha, ou protestante e pró-escolha, já que é precisamente com tais afirmações que as igrejas mudam. Mudam porque mulheres e homens respeitam suas raízes e as usam para formar novos ramos. Esta é a minha posição católica feminista pró-escolha, representa um novo ramo em uma árvore que deverá morrer ou promover novo crescimento. •